

Educação Escolar Indígena

CAPA

Universidade dos índios para os índios

Professores indígenas relatam as vivências na universidade e nas aldeias nove meses depois do início do curso

IONICE LORENZONI
Enviada especial da ACS/MEC

Barra do Bugres (MT) – Sete professores da Unemat falam de descobertas, experiências, resgates, projetos. E Francisca Novantino Nezokemaero – líder indígena, membro da Comissão Nacional de Professores Indígenas do MEC, presidente do Conselho Escolar Indígena da Secretaria de Educação de Mato Grosso e representante dos professores indígenas no Conselho Nacional de Educação – pensa adiante, quer uma "universidade dos índios para os índios".

Sereno e articulado, o cacique da Aldeia Umutina, Jovail Amajunepá, 26 anos, está aplicando na comunidade os conhecimentos adquiridos nas aulas do 3º Grau Indígena. Num trabalho de mutirão proposto por ele, os moradores fizeram uma limpeza e fixaram locais para a coleta do lixo não perecível, limparam o trajeto que liga a aldeia ao Rio dos Bugres e reformaram a balsa usada por todos. Cacique e professor, Jovail também brinca com as crianças e os adolescentes e incentiva os jogos de futebol no campo que fica no centro da aldeia.

A revitalização cultural na Aldeia Umutina, que reúne oito etnias, não pára. Agora a comunidade está discutindo a troca do nome da Escola que homenageia o chefe do posto do extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI) Otaviano Calmon. A comunidade quer homenagear Juluparé que, aos 100 anos de idade, é a principal referência para eles.

Depoimentos – Para Maria Alice de Souza Cupudunepá, o curso traz formação e informação para o povo indígena. Prova disso é o resgate que a escola está fazendo de 17 passos de dança, que são usados para agradecer a colheita, a chuva, o sol e homenageiam os espíritos. Os professores pesquisam, ensinam os alunos e assim a cultura ancestral não é esquecida. O

resgate da língua materna, que na aldeia só é falada por três velhos, é outro desafio dos professores.

Um casal de índios com mais de 100 anos de idade foi tema de uma aula do professor Filadelfo de Oliveira. Ele levou os alunos na casa de Rita (Pareci) e Valdemar (Nambiquara), duas das três referências de seu povo na Aldeia Umutina. "Eles são os sábios e representam as nossas tradições e nossa história", diz Filadelfo.

Já Luizinho Ariabô Quezo, que sonha desde criança em ser professor agora está fazendo o 3º Grau. De acordo com ele, a comunidade Umutina aprova e incentiva os universitários para que nenhum aluno perca o curso.

Oswaldo Coremaré Monzilar, que quando entrou no projeto só conhecia a origem da sua nação, agora está interessado nas outras culturas. "Fiz primeiro a mudança na minha cabeça".

"O 3º Grau é a vez e a voz indígena. Ali estão os conhecimentos do índio e do branco andando lado a lado", diz Márcio Monzilar Corezumaé, 21 anos, 1º lugar no vestibular. Para ele, o curso é um passo, mas a meta é a universidade pensada e feita pelos índios.

Paulo Henrique Skirip, da etnia Rikbaktsa, que habita a região de Braz Norte (MT), diz que o curso é uma rica troca de experiências que fortalece os professores e a comunidade. Ele descobriu que existe um vasto material didático escrito e desenhado pelos indígenas e que nada precisa ser buscado fora.

Para Francisca Novantino, da etnia Pareci, uma das principais lideranças do Movimento Indígena, cuja trajetória começou em 1980, o 3º Grau da Unemat é um avanço no processo de formação dos professores indígenas. Mas ela quer mais. "A meta é criar uma universidade indígena pensada e elaborada pelos próprios índios, coisa que deve acontecer dentro de 15 ou 20 anos", diz.

ProInfo e Fundescola na aldeia

A Escola Municipal Otaviano Calmon, na Aldeia Umutina (MT), está equipada com seis computadores e uma impressora enviados pelo Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo/MEC). Ali estudam 52 alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental mas, a partir de agosto, quando as novas salas de aula ficarem prontas, os equipamentos serão usados também por estudantes de 5ª a 8ª série. De acordo com o cacique Jovail Amajunepá, os computadores são usados de manhã pelos alunos e à noite pela comunidade.

Fundescola – O Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola/MEC) aprovou um projeto da Aldeia Umutina no valor de R\$ 160 mil



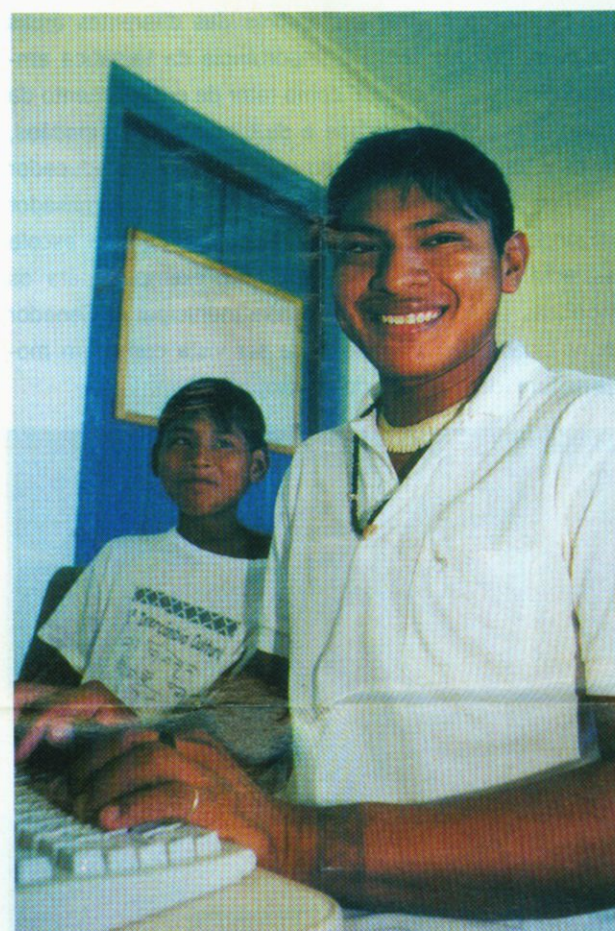
Cacique Jovail

para a construção de duas salas de aula, uma sala para os professores, um refeitório e banheiros. A construção, próxima à Escola Municipal Otaviano Calmon, centro da aldeia, será de acordo com

o projeto arquitetônico que o Fundescola criou para as escolas indígenas. Quando as salas estiverem prontas, cerca de 70 alunos do ensino fundamental que estudam em Barra do Bugres vão ter aulas na aldeia.



Coremaré e alunos



Márcio Monzilar Corezumaé, 21 anos, 1º lugar no vestibular:
"O curso é um passo, mas a meta é a universidade pensada e feita pelos índios"